



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
RANGEL DOS SANTOS DO NASCIMENTO

**ENTRE RUPTURAS E PERMANÊNCIAS: heteronormatividade e
estereótipos de gênero em relações afetivas de casais
homoafetivos.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
RANGEL DOS SANTOS DO NASCIMENTO

**ENTRE RUPTURAS E PERMANÊNCIAS: heteronormatividade e
estereótipos de gênero em relações afetivas de casais
homoafetivos.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA, como requisito para obtenção do título de licenciada sob orientação da Profa. Dra. Vanda Patoja.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

Orientadora: Profa. Dra. Vanda Patoja (UFMA)

IMPERATRIZ-MA
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
RANGEL DOS SANTOS DO NASCIMENTO

ENTRE RUPTURAS E PERMANÊNCIAS: heteronormatividade e estereótipos de gênero em relações afetivas de casais homoafetivos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, do Centro de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas.

Aprovado em: 13/01/2026

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Vanda Maria Leite Pantoja
Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Dra. Maynara Costa de Oliveira Silva
Avaliador Interno1
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras
Avaliador Interno 2
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Toda caminhada até aqui não foi fácil; foi marcada por desafios e superações. Cada passo foi um marco na minha trajetória até aqui. Ser o primeiro entre sua linhagem a entrar em uma Universidade Federal carrega consigo um peso muito grande e de muita responsabilidade. O meu crescimento foi repleto de impasses, porém impasses esses que me levaram ao lugar que estou hoje.

Agradeço aos meus professores de toda a minha caminhada escolar, que me orientaram e me ajudaram a me tornar esse cidadão crítico que está em constante evolução. Desde pequeno, observava os estudantes universitários e sonhava em um dia poder estar no mesmo lugar, mesmo sabendo que meu contexto social era bastante difícil. Porém, persistir e, graças à minha família, principalmente minha mãe, Maria de Fátima Barbosa dos Santos, que desde sempre ensinou e orientou o caminho dos estudos, principalmente para alguém como eu, um negro de classe baixa, filho de uma faxineira e de um pai pedreiro, que se esforçaram e se sacrificaram para que eu pudesse estar onde estou hoje.

Minha entrada na universidade não foi fácil; foi marcada de medo, receio e dificuldades, desde o que se referia ao deslocamento até aos conteúdos ensinados, mas, com o tempo e com esforço, pude sentir a superação das adversidades. Agradeço a todos os meus professores da UFMA pelo acolhimento e pelos ensinamentos, assim como pela amizade, pois não foram somente professores, foram amigos que pude fazer e ter. Em especial, minha orientadora, Dra. Vanda Maria Leite Pantoja, que admiro bastante desde a minha entrada na universidade e que me acolheu como orientando para essa conclusão dessa fase da minha história. Agradeço aos meus amigos que pude fazer durante esse meu tempo na universidade, que tornaram cada momento inesquecível.

Todas as amizades estarão na minha história e no meu coração. A cada amizade: Rillaiy Faustina, Lara Eduarda, Clarisse Sales, Ramon Lopes, Nallyja Fernanda, Diego Santos, Diego Silva, Wendy Santo, Evilásio Almeida, Denilson Costa, Eva Silva, dentre todos os outros amigos e pessoas importantes e que não estão comigo, mas, que me ajudaram bastante durante todo o pensamento da elaboração do tema até os momentos de pesquisas que segurou minha mão apesar de muitos acontecimentos, deixo minha gratidão e carregou no meu peito e na memória para sempre.

Agradeço aos meus amigos do ensino médio, que viram minha entrada na universidade e com quem até hoje compartilho minhas experiências. Assim como as amizades externas que essa caminhada universitária me proporcionou, a Ana Beatriz Correia, que segurou minha mão, minhas lágrimas e me aconselhou em vários momentos difíceis da minha vida, deixo meus mais sinceros abraços.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão (UFMA) por me proporcionar não somente uma formação profissional, mas também uma construção de conhecimento e de vida, me acolhendo e me proporcionando meios de me manter em todo esse percurso de estudos. Por fim, agradeço a todos e deixo com vocês meus mais sinceros respeito e afeto.

As normas que regulam o gênero e a sexualidade não apenas organizam os corpos e os desejos, mas também produzem os limites do que pode ser vivido, reconhecido e legitimado como relação afetiva.

Judith Butler (2019, p. 25).

ENTRE RUPTURAS E PERMANÊNCIAS: heteronormatividade e estereótipos de gênero em relações afetivas de casais homoafetivos.

Between Ruptures and Continuities: Heteronormativity and Gender Stereotypes in the Affective Relationships of Same-Sex Couples

RANGEL DOS SANTOS DO NASCIMENTO – UFMA

—

rangel.santos@discente.ufma.br

Resumo: Este estudo analisa os impactos da heteronormatividade nas dinâmicas afetivas de relacionamentos LGBTQIAP+ em Imperatriz–MA, com foco na reprodução de estereótipos de gênero. Entende-se a heteronormatividade como regime social que naturaliza a heterossexualidade e o binarismo de gênero, influenciando afetos, comportamentos e organizações relacionais. A pesquisa é qualitativa, com estudo de caso, baseada em entrevistas semiestruturadas com dois casais, um gay e um de lésbicas. Os resultados indicam persistência de normas e papéis de gênero, além da valorização da monogamia, coexistindo com estratégias de negociação, diálogo e resistência, que reinterpretem e transformam tais normas no contexto social local contemporâneo atual.

Palavras-chave: Heteronormatividade. Estereótipos de gênero. Casais LGBTQIAP+. Dinâmicas afetivas. Imperatriz-Maranhão.

Abstract: *This study analyzes the impacts of heteronormativity on the affective dynamics of LGBTQIAP+ relationships in Imperatriz–MA, focusing on the reproduction of gender stereotypes. Heteronormativity is understood as a social regime that naturalizes heterosexuality and the gender binary, influencing affects, behaviors, and relational arrangements. The research adopts a qualitative approach, using a case study based on semi-structured interviews with two couples, one gay couple and one lesbian couple. The results indicate the persistence of gender norms and roles, as well as the valorization of monogamy, coexisting with strategies of negotiation, dialogue, and resistance that reinterpret and transform such norms within the contemporary local social context.*

Keywords: *Heteronormativity. Gender stereotypes. LGBTQIAP+ couples. Affective dynamics. Imperatriz- Maranhão.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	Gênero: A Heteronormatividade, estereótipos e suas consequências	14
2.1	Heteronormatividade e papéis de gênero: impactos nas relações afetivas	14
2.2	estereótipos de gênero e suas consequências nos casais lgbtqiap+	17
4	Resultado e Discussões	21
4	Considerações Finais	28
5	REFERÊNCIAS	29

1- Introdução

A heteronormatividade permanece como uma das estruturas sociais mais influentes na organização das relações sociais, mesmo em um cenário contemporâneo marcado por avanços na discussão sobre diversidade sexual e de gênero. Para Adrienne Rich (1980) a heteronormatividade pode ser entendida como um sistema político e social que impõe a heterossexualidade como norma obrigatória, organizando as relações de gênero, desejo e poder de maneira hierarquizada. Esse sistema produz normas que orientam comportamentos, afetos e identidades, legitimando o binarismo de gênero e marginalizando experiências dissidentes. Monique Wittig (2006) aprofunda esse debate ao afirmar que a heterossexualidade não é apenas uma prática sexual, mas também é um regime político que estrutura a sociedade, produzindo as próprias categorias de “homem” e “mulher” como posições hierárquicas e naturalizadas. Para a autora, o chamado pensamento heterossexual sustenta relações de dominação ao apresentar essas categorias como universais e inevitáveis, apagando outras possibilidades de existência e de vínculo. A partir desses pensamentos, compreende-se que, para casais LGBTQIAP+, a heteronormatividade não atua somente por meio de barreiras externas, como o preconceito, a discriminação e a estigmatização social, mas também se infiltra nas dinâmicas internas das relações afetivas. Esse processo pode levar à reprodução de papéis, expectativas e formas de organização semelhantes às tradicionalmente presentes em relações heterossexuais, mesmo quando o vínculo afetivo em si já representa uma ruptura com a norma. Assim, ainda que relações entre pessoas do mesmo gênero desafiem o modelo heteronormativo ao romperem com a obrigatoriedade da heterossexualidade, a presença de elementos herdados desse regime evidencia a força e a persistência do pensamento heterossexual na organização das experiências íntimas, afetivas e conjugais.

Judith Butler (1990) demonstra que o gênero e a sexualidade são construções sociais e culturais, produzidas nos gestos, nos olhares e nos ensinamentos cotidianos, e sustentadas pela repetição contínua de normas culturais. Dentro dessa perspectiva, os estereótipos de gênero — expressos na ideia de que deve existir

uma figura “mais masculina” ou “mais feminina” na relação — não surgem de escolhas individuais, mas de um processo permanente de regulação social que pressiona os sujeitos a assumirem papéis binários. A heteronormatividade, portanto, não atua apenas como um sistema de opressão externo, mas como um conjunto de valores que pode ser internalizado e, conseqüentemente, reproduzido até mesmo por relações que buscam romper com essas imposições. Isso afeta a maneira como casais LGBTQIAP+ expressam afeto, distribuem papéis, constroem identidades e se percebem dentro da relação.

É nesse contexto que esse estudo, objetiva compreender como a heteronormatividade influencia as dinâmicas afetivas de relacionamentos LGBTQIAP+ na cidade de Imperatriz-MA. Para chegar ao objetivo da pesquisa foi proposto pesquisar casais homoafetivos e foi escolhido dois casais que estão inseridos no meio acadêmico e foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas a esses casais, sendo um casal gay e um casal de lésbicas. Silva, Penha e Bizarrías (2022) destacam que a entrevista é uma das principais estratégias da pesquisa qualitativa, permitindo ao pesquisador compreender a realidade de um fenômeno a partir da perspectiva dos participantes.

De acordo com Gil (2019), o estudo de caso consiste em investigar uma ou mais realidade de forma detalhada e aprofundada, permitindo o conhecimento profundo do fenômeno estudado a partir de uma perspectiva empírica. Sendo assim, trabalhar em formato de estudo de caso em uma pesquisa qualitativa ajuda a seguir uma linha de compreensão que nos auxilia na compreensão da perspectiva dos interlocutores entrevistados tendo em vista que o presente trabalho se insere dentro do campo da sociologia das relações de gênero e sexualidade. Para a coleta dos dados foi elaborado um roteiro de perguntas e um questionário socioeconômico para a entrevista com dois casais LGBTQIA+. O roteiro de entrevistas é composto por 23 questões, iniciando com informações gerais sobre o relacionamento do entrevistado, como o tempo de convivência, a forma como conheceram o parceiro, a escolaridade de cada membro do casal, entre outros dados básicos. Em seguida, as perguntas passam a abordar aspectos da vida cotidiana e íntima do casal, incluindo a organização financeira, a divisão das tarefas domésticas, a existência ou não de papéis definidos na vida

sexual e a relevância desses papéis dentro da relação. Por fim, a entrevista é direcionada para questões relacionadas à heteronormatividade dentro dos seus relacionamentos, investigando como estereótipos de gênero e normas sociais influenciam suas experiências e quais consequências essas imposições têm sobre suas vidas como casal. As entrevistas ocorreram em um único encontro com os casais em conjuntos, sendo assim para resguardar o anonimato entre os entrevistados optamos por usar nomes fictícios assim, adotaremos os nomes Laura e Beatriz e Fernando e Vitor.

As entrevistas foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2025, os casais assinaram um termo de consentimento e estão totalmente cientes da proposta do artigo, as entrevistas foram gravadas via aplicativo de aparelho celular.

Esse trabalho se justifica tendo em vista que Imperatriz-MA que apresenta uma região marcada por normas tradicionais de gênero e sexualidade oriundas do conservadorismo, onde as dinâmicas afetivas de casais LGBTQIA+ ainda são pouco investigadas academicamente, optar pela cidade de Imperatriz-MA como campo de pesquisa traz relevância ao observar que está na Amazônia Oriental e está integrada a Amazônia legal, sendo assim uma cidade de médio porte categorizado como capital regional C. Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que evidenciou uma limitação significativa na produção científica brasileira voltada especificamente para os relacionamentos afetivos e amorosos da população LGBTQIA+. Embora haja um número considerável de estudos que discutem questões relacionadas à identidade, à saúde, às vivências sociais e às políticas públicas direcionadas a essa população, os relacionamentos amorosos, a conjugalidade e as dinâmicas afetivas entre pessoas LGBTQIA+ ainda é pouco abordada nas pesquisas regionais.

Para a realização do levantamento, foram empregadas diferentes palavras-chave, com o objetivo de ampliar o alcance da busca nas bases de dados, dentre as quais se destacam: “relacionamentos LGBTQIA+”, “relacionamentos LGBT”, “relacionamentos homoafetivos”, “conjugalidade homoafetiva”, “casais LGBT” e “relações afetivas LGBT”. As buscas foram realizadas em bases de dados e plataformas acadêmicas, como SciELO Brasil, CAPES, e Google Acadêmico.

Apesar da abrangência dessas plataformas, constatou a ausência de estudos dedicados aos relacionamentos LGBTQIA+ no contexto regional, o que evidencia uma lacuna relevante na literatura científica e reforça a necessidade de investigações sobre o tema, que traz uma carência de estudos acadêmicos que abordem suas vivências na região, evidencia a necessidade de pesquisas com essa temática.

Assim, ao investigar esse fenômeno em Imperatriz, este trabalho busca compreender o impacto da heteronormatividade nas relações afetivas LGBTQIA+, além de contribuir para o reconhecimento das particularidades que marcam a vida dessas pessoas. A partir das narrativas dos entrevistados e entrevistadas, pretende-se compreender como esses casais lidam com as imposições sociais dos papéis de gênero e como constroem suas relações em meio às tensões entre reprodução e ruptura às normas de gênero imposta pela sociedade. Esse estudo contribui para a compreensão das influências heteronormativa nas relações LGBTQIA+, assim como ampliar pesquisas regionais sobre conjugalidade e afetividade.

2- Gênero: heteronormatividade, estereótipos e suas consequências.

2.1 Heteronormatividade e papéis de gênero: impactos nas relações afetivas

A heteronormatividade é um conceito fundamental para compreender como as sociedades modernas organizam as relações entre gênero, sexualidade e poder. Segundo Judith Butler (1990), esse regime normativo estabelece a heterossexualidade e o binarismo de gênero como padrões naturais, legítimos e desejáveis, produzindo normas que regulam os corpos, os afetos e as identidades. Nesse processo, outras formas de expressão afetiva e sexual são deslegitimadas e classificadas como desvios ou anormalidades, reforçando hierarquias sociais e relações de poder. O contexto desse regime heteronormativo nas normas sociais gera uma base padrão de um regime cultural da sociedade que acaba se debruçando em diversos campos como na moralidade, na estrutura familiar e nos parâmetros sociais, trazendo marginalização aos indivíduos que não se encaixam no modelo binário. Assim, a heterossexualidade deixa de ser somente uma entre várias possibilidades e passa a constituir o eixo regulador da vida coletiva.

Judith Butler (1990), ao desenvolver o conceito de performatividade de gênero, contribui para a compreensão de que as categorias “homem” e “mulher” não são determinadas de forma essencial ou exclusivamente biológica. Para a autora, o gênero não é uma condição originária ou fixa, mas constitui-se por meio da repetição contínua de práticas, normas e discursos culturalmente produzidos. Nesse sentido, a identidade de gênero não precede essas práticas, sendo antes um efeito performativo de sua reiterada encenação social.

Em Problemas de Gênero, Butler (2019, p. 25) afirma que "o gênero é uma identidade constante constituída no tempo, instituída por meio da repetição." A autora ressalta ainda que os corpos só se tornam legíveis quando se alinham às expectativas normativas que vinculam sexo biológico, gênero e desejo, formando a tríade homem–masculino–heterossexual e mulher–feminino–heterossexual. Tudo que foge a essa tríade é percebido como incoerente ou ilegítimo, marginalizando o indivíduo e atribuindo-lhe uma moralidade questionável ou falta de pudor. Nesse sentido, Butler evidencia que a normatividade de gênero não é apenas socialmente imposta, mas internalizada pelos próprios sujeitos, moldando comportamentos, afetos e identidades. O que escapa a essa tríade é visto como incoerente ou ilegítimo se torna um indivíduo sem moralidade, sem pudor. Michel Foucault (2015), ao analisar a sexualidade na modernidade, indica que não existe neutralidade no modo como a sociedade define e controla os corpos.

De acordo com Guacyra Lopes Louro (2009, p.89):

São engendradas múltiplas estratégias nas mais distintas instâncias. Através de estratégias e táticas aparentes ou sutis reafirma-se o princípio de que os seres humanos nascem como macho ou fêmea e que seus sexos já são definidos sem hesitação em uma dessas duas categorias ao nascer, e essa visão somente vai indicar os dois gêneros possíveis – masculino ou feminino – e essa pré-noção binária dos gêneros onde a uma única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito de sexo/gênero oposto ao seu.

As observações feitas por Louro podem ser verificadas em diversas ocasiões do dia-a-dia, tais como no eixo familiar quando desde o nascimento o filho homem é ensinado a se portar como homem negado qualquer ação que venha diminuir tal papel. Expressões como “homem não chora”, “seja macho”, “você é viadinho? ” Remontam às várias formas de vigilância a que os corpos estão sujeitos desde a infância.

Os estereótipos de gênero são construções sociais que classificam comportamentos, emoções e papéis atribuídos a homens e mulheres. Embora frequentemente percebidos como naturais, esses papéis são fruto de uma longa tradição histórica que hierarquiza o masculino e o feminino. Segundo Jean Baudrillard (1996), a sociedade produz significados e valores que tornam certas normas e práticas simbólicas aparentemente naturais, mas que são, na verdade, construções culturais profundamente enraizadas. Simone de Beauvoir (1949, p. 9) entende que o gênero é produto de práticas sociais e simbólicas “não se nasce mulher: torna-se mulher”. Essas compreensões reforçam que os papéis de gênero não são inevitáveis, mas resultado de imposições estruturais internalizadas historicamente.

Dentro da lógica heteronormativa, o masculino é associado à força, racionalidade afirmativa, autonomia, liderança enquanto o feminino é associado ao cuidado, à maternidade, à delicadeza, à emotividade, ao cuidado da casa, à dependência e à passividade. Essas oposições sustentam as relações de poder, definindo quem pode ocupar certas posições sociais, quem pode liderar ou ser liderado, quem deve prover e quem deve cuidar. Como observa Joan Scott (1995), o gênero funciona como “uma forma primária de dar significado às relações de poder”, o que implica que os papéis atribuídos aos gêneros não são apenas diferentes, mas hierarquicamente ordenados.

Raewyn Connell desenvolve o conceito de masculinidade hegemônica, como um modelo dominante de masculinidade, o qual organiza e hierarquiza os gêneros, subordinando as demais masculinidades e a feminilidade. Para Connell (2016, p. 77), “a masculinidade hegemônica é a configuração de práticas que sustentam a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres”. A masculinidade hegemônica na visão da autora é branca, heterossexual, forte, autocontrolada e associada a poder e autoridade, esse é o modelo padrão quando falamos sobre dominação masculina e é somente esse modelo que funciona como referência para todas as identidades e qualquer outro diferente desse vai se encontrar em uma posição subalterna e discriminada.

O modelo heteronormativo tem impacto direto sobre casais LGBTQIAP+, pois lança sobre eles a expectativa de reprodução de papéis que façam sentido

dentro da norma social. Assim, casais formados por dois homens ou por duas mulheres são frequentemente lidos em termos de “quem é o mais masculino” ou “quem é a mais feminina”, da relação, sendo pressionados, assim, a assumir papéis complementares baseados no binarismo. Judith Butler (2004, p. 17) reforça essa ideia ao afirmar que “a matriz heterossexual exige que o desejo se organize a partir de uma estrutura de opostos complementares”. Essa exigência é tão forte que muitas vezes os próprios casais LGBTQIAP+ reproduzem, mesmo involuntariamente, comportamentos herdados da socialização heteronormativa. É importante destacar que os estereótipos não se restringem à aparência física ou ao comportamento; eles estruturam expectativas emocionais, práticas sexuais, divisão de tarefas, modos de conflito e organização do cotidiano. Tal influência não é fruto de escolha individual, mas de internalização cultural profunda, como afirmam West e Zimmerman (1987) ao abordar o conceito de “fazer gênero”: Afirmam que o gênero é produzido e reproduzido por meio de práticas cotidianas e quando essas práticas se repetem com frequência, passam a ser vistas como normais ou “naturais”, criando a impressão de que certos comportamentos de gênero são inatos, quando na verdade são construções sociais.

Dessa forma, os estereótipos de gênero não são apenas ideias abstratas, são estruturas que moldam diretamente a experiência dos casais LGBTQIAP+, influenciando como eles se percebem como organizam suas relações e como enfrentam pressões externas que tentam reinseri-los nas categorias tradicionais de sexo e gênero.

2.2 Estereótipos de Gênero e suas consequências nos Casais LGBTQIAP+

Os estereótipos podem ser definidos como construções sociais que atribuem características fixas aos indivíduos, simplificadas e generalizantes a determinados grupos sociais, funcionando como esquemas simbólicos que organizam percepções, expectativas e julgamentos. Os estereótipos produzem efeitos normativos e hierárquicos, ao naturalizar diferenças que são, na realidade, construídos socialmente. Lippmann (2008) compreende os estereótipos como “imagens mentais” socialmente compartilhadas, que passam a ser reproduzido de forma automática, sem questionamento crítico, orientando comportamentos individuais e do próprio coletivo social.

Ao estabelecerem expectativas rígidas sobre masculinidade e feminilidade,

os estereótipos de gênero, exercem um impacto profundo nas relações de casais LGBTQIAP+. Embora essas relações desafiem a lógica heteronormativa, elas não se desenvolvem totalmente fora do campo das normas sociais; pelo contrário, são constituídas dentro dele e muitas vezes reproduzem, mesmo que inconscientemente, padrões herdados da socialização tradicional. Dessa forma, casais dissidentes podem vivenciar conflitos, tensões e adaptações que evidenciam a força persistente dos papéis de gênero. Como observa Butler (1990, p. 45), “ninguém escapa totalmente às normas que o constituem”, indicando que, mesmo em contextos que rompem com a heteronormatividade, os indivíduos frequentemente se alinham, ainda que de maneira inconsciente, a expectativas e comportamentos típicos de relações heterossexuais.

Uma das principais consequências dos processos de socialização e internalização de normas de gênero é a adoção de papéis complementares — o “mais masculino” e o “mais feminino” — que se manifestam tanto no plano simbólico quanto nas práticas cotidianas de casais não héteros. Segundo Cassell (2008), esses estereótipos de gênero se entrelaçam como “roteiros culturais”, orientando comportamentos, emoções e estilos relacionais dos indivíduos. Dessa forma, estabelecem expectativas sólidas sobre quem deve executar determinadas tarefas ou adotar certas posturas afetivas, tanto no âmbito interno do casal quanto em suas interações em público. Assim, mesmo em casais formados por duas pessoas do mesmo sexo, se observa uma pressão social e cultural para assumir funções diferenciadas, de modo a tornar a relação inteligível ao padrão heteronormativo. Esse fenômeno se evidencia principalmente nas atividades do dia a dia, como a divisão de tarefas domésticas: um dos parceiros pode ser naturalmente associado à função de cuidar da casa e das rotinas domésticas, enquanto o outro assume tarefas tradicionalmente vinculadas à figura “masculina”, como manutenção ou provisão econômica consolidando os papéis de gênero normativo.

Esses estereótipos podem ser compreendidos como construções sociais que atribuem significados, comportamentos e papéis específicos a determinados gêneros e orientações sexuais, funcionando como normas reguladoras da vida íntima e relacional dos casais. Embora desafiem a heteronormatividade ao se constituírem fora da lógica da heterossexualidade compulsória, eles não estão

isentos de seus efeitos, uma vez que foram socializados em uma cultura que naturaliza o binarismo de gênero e estabelece padrões específicos de afetividade e sexualidade. Como argumenta Lorber (2010), o gênero opera como um sistema social estruturante que atravessa todas as relações, inclusive aquelas que se colocam como contra- hegemônicas. No interior das relações LGBTQIAP+, observa-se a recorrente reprodução de estereótipos associados ao masculino e ao feminino, que se expressa na expectativa de complementaridade entre os parceiros. Mesmo em casais formados por pessoas do mesmo gênero, tende-se a atribuir a um dos membros características socialmente associadas à masculinidade ou ao feminino. Connell (2016) demonstra que a masculinidade hegemônica não se limita às relações heterossexuais, mas estrutura hierarquias e dinâmicas de poder também entre homens gays, influenciando práticas afetivas, sexuais e relacionais. Do mesmo modo, em casais de lésbicas, ainda que não se reproduza diretamente o modelo da masculinidade hegemônica, surge a expectativas normativas relacionadas ao cuidado emocional e à organização do cotidiano, evidenciando a persistência dos papéis de gênero como referenciais simbólicos.

O imaginário social frequentemente associa relações homoafetivas à instabilidade ou à ausência de compromisso, construindo a percepção de que esses relacionamentos estariam sujeitos a constantes terminos e recomeços. Diante dessa pressão cultural, alguns casais sentem a necessidade de legitimar suas relações por meio da adoção de práticas socialmente valorizadas, como a monogamia ou a busca por estabilidade relacional, mesmo quando suas escolhas afetivas poderiam se organizar de maneiras diversas. Foucault (2015) ressalta que a sexualidade constitui um campo estratégico de regulação social, no qual discursos normativos produzem sujeitos legíveis e inteligíveis. Nesse sentido, casais LGBTQIAP+ podem internalizar expectativas heteronormativas como forma de reconhecimento social, mesmo quando essas expectativas limitam a pluralidade das experiências afetivas.

A reprodução dos estereótipos de gênero e sexualidade está profundamente relacionada aos processos de socialização vivenciados pelos indivíduos ao longo da vida. A família, a escola e outras instituições sociais atuam

como instâncias de normalização, transmitindo modelos de relacionamento baseados na complementaridade entre masculino e feminino. Louro (2014) aponta que a educação opera como um dispositivo de produção da heteronormatividade, ensinando não apenas conteúdos formais, mas também modos legítimos de existir, desejar e se relacionar. Assim, os sujeitos carregam para suas relações dissidentes um repertório simbólico que continua a orientar expectativas, práticas e negociações no cotidiano conjugal. Essa dinâmica sugere que os estereótipos de gênero não se restringem a relações heterossexuais, mas podem ser reproduzidos mesmo em contextos homoafetivos, criando uma espécie de “espelhamento” das normas sociais.

A performance de gênero dos indivíduos, muitas vezes de forma inconsciente, se alinha às expectativas culturalmente construídas de masculinidade e feminilidade, reforçando papéis predefinidos que se associam à atração e à identidade sexual. Dessa forma, um parceiro que apresenta características ou comportamentos considerados “mais femininos” tende a ser associado ao papel da mulher até mesmo em todo seu desenvolvimento infantil quando se é associado ao bullying frases como: “ele é mulherzinha”, ‘ele é bicha, tem jeito de mulher’. Enquanto que uma pessoa com comportamentos “mais masculinos” assume o papel do homem, reproduzindo, de maneira simbólica e prática, os estereótipos de gênero que estruturam a sociedade heteronormativa. Essa dinâmica evidencia que os estereótipos culturais e as normas de gênero têm poder de moldar relações afetivas e práticas cotidianas, mesmo quando não há uma relação heterossexual formal. Além disso, revela que a luta por igualdade ou flexibilização de papéis não envolve apenas a questão legal ou simbólica dos comportamentos, mas também a desconstrução diária desses comportamentos e modelos culturais internalizados, que moldam emoções, comportamentos e expectativas dentro do casal LGBTQIA+.

A mídia desempenha papel relevante na manutenção desses estereótipos ao oferecer representações restritas e normativas das relações LGBTQIA+. Quando visibilizados, esses casais são frequentemente enquadrados em modelos que se aproximam do padrão heteronormativo, reforçando a ideia de que determinadas formas de relacionamento são mais legítimas do que outras tendo

constante invisibilidade e estereotipação. Mediante Kellner (2001), a cultura da mídia atua como um sistema de produção de significados que molda identidades e práticas sociais, influenciando a forma como os indivíduos percebem suas próprias relações e possibilidades afetivas, todas essas interações sociais também funcionam como mecanismos de reprodução dos estereótipos no interior das relações LGBTQIAP+. Expressões que pressupõem papéis fixos ou hierarquias de gênero reforçam o binarismo e limitam a construção de dinâmicas mais igualitárias. Dessa forma, os estereótipos de gênero e sexualidade exercem impacto significativo sobre as relações estabelecidas por casais LGBTQIAP+, influenciando a organização do cotidiano, a divisão de papéis, a vivência da sexualidade e a construção das identidades afetivas. A heteronormatividade, portanto, não somente atua como um sistema externo de opressão, mas como um conjunto de valores internalizados que moldam subjetividades e práticas relacionais como um regime social. Compreender esses processos é fundamental para analisar as tensões, negociações e estratégias de resistência presentes nas relações não normativa, contribuindo para uma reflexão crítica sobre os limites e possibilidades de ruptura com os padrões normativos de gênero e sexualidade.

3 Resultados e Discussões

A seguir fazemos a análise da fala dos casais interlocutores da pesquisa, antes traço um breve perfil de cada um.

INFORMAÇÕES PESSOAIS (CASAL DE LÉSBICAS)	COMPANHEIRA: A	COMPANHEIRA: B
IDADE	23	26
SEXO\GÊNERO	FEMININO	FEMININO
ORIENTAÇÃO SEXUAL	CISGÊNERO	CISGÊNERO
IDENTIDADE DE GÊNERO	BISSEXUAL	LÉSBICA
TEMPO DE DURAÇÃO DO RELACIONAMENTO	1-3 ANOS	1-3 ANOS
COR\RAÇA	PRETA	PARDA
RELIGIÃO	CRISTÃ	CATÓLICA
ESCOLARIDADE		
VOCÊ ESTUDA ATUALMENTE?	SIM	SIM
GRAU DE ESCOLARIDADE	CURSANDO SUPERIOR	PÓS GRADUAÇÃO
EM CASO DE ESTÁ ESTUDANDO QUAL INSTITUIÇÃO?	UFMA	UNIFAEI
SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA		
VOCÊ TRABALHA ATUALMENTE?	SIM	SIM
OCUPAÇÃO\PROFISSÃO	SOCIAL MIDIA	TECNICA ESPECIALISTA
RENDA FAMILIAR MENSAL?	1-3 SALÁRIO	1-3 SALÁRIO

INFORMAÇÕES PESSOAIS (CASAL GAY)	FERNANDO	VITOR
IDADE	37	28
SEXO\GÊNERO	MASCULINO	MASCULINO
ORIENTAÇÃO SEXUAL	CISGÊNERO	CISGÊNERO
IDENTIDADE DE GÊNERO	HOMOSSEXUAL	HOMOSSEXUAL
TEMPO DE DURAÇÃO DO RELACIONAMENTO	1-3 ANOS	1-3 ANOS
COR\RAÇA	PRETO	PARDO
RELIGIÃO	ESPERITA	CRISTÃO
ESCOLARIDADE		
VOCÊ ESTUDA ATUALMENTE?	SIM	SIM
GRAU DE ESCOLARIDADE	PÓS GRADUAÇÃO	PÓS GRADUAÇÃO
EM CASO DE ESTÁ ESTUDANDO QUAL INSTITUIÇÃO?	UFVAVENI	UFMA
SITUAÇÃO SOCIOECONÔMICA		
VOCÊ TRABALHA ATUALMENTE?	SIM	SIM
OCUPAÇÃO\PROFISSÃO	SERVIDOR PÚBLICO MUNICIPAL	ADVOGADO
RENDIMENTO FAMILIAR MENSAL?	1-3 SALÁRIO	1-3 SALÁRIO

A análise das entrevistas com os casais LGBTQIAP+ evidencia que mesmo em relações que desafiam a lógica heteronormativa, padrões culturais e estereótipos de gênero continuam a influenciar significativamente o cotidiano e as práticas afetivas. No caso de Fernando e Vitor, ambos com idade entre 20 e 40 anos e vivendo juntos há mais de um ano a convivência cotidiana é marcada por negociações e estratégias que revelam como normas heteronormativas internalizadas moldam comportamentos e decisões. Fernando, por exemplo, descreve a divisão de tarefas domésticas com naturalidade, mas também com certa estratégia:

Eu faço tudo, só não gosto de lavar louça. Na maioria das vezes, é ele que lava, a não ser que a gente brigue aí eu vou e lavo. Mas eu tenho uma máquina de lavar louça. Não é uma coisa que eu espero que ele faça, mas eu não peço para ele fazer. Aí eu uso como refúgio: dizer 'lava a louça enquanto eu faço outra coisa' (informação verbal em novembro de 2025).

Esse relato evidencia que, mesmo em relações entre homens, a divisão de tarefas domésticas não ocorre fora das normas sociais internalizadas. A escolha de Fernando de usar a máquina como “refúgio” é uma estratégia prática, mas também simbólica, que permite negociar tarefas sem confrontar diretamente os papéis que a cultura atribui aos gêneros. Hochschild e Machung (2012, p. 78) destacam que a “segunda jornada” evidencia como tarefas domésticas e

emocionais são distribuídas de maneira desigual, mesmo em contextos que desafiam o modelo tradicional de família, mostrando que a internalização de papéis de gênero é persistente e molda interações cotidianas.

No âmbito sexual, Fernando e Vitor apresentam uma dinâmica de negociações igualmente influenciada por padrões de gênero. Fernando se mostra mais aberto à participação de uma terceira pessoa em experiências sexuais consensuais, enquanto Vitor emonstrou cautela quanto ao assunto, pois embora ele considere a ideia “interessante”, não é algo que ele deseje constantemente, e muitas vezes, relatou que apresenta resistência ao ato caso a escolha não o deixe confortável. Essa diferença na forma de viver a sexualidade entre o casal, evidencia a influência da masculinidade hegemônica, conforme Connell (2016, p. 109), que descreve como certas posições de agência, iniciativa e protagonismo sexual são historicamente atribuídas aos homens, mesmo dentro de relações homoafetivas. Fernando assume a iniciativa, negociando experiências sexuais e testando limites, enquanto Vitor, mais reticente, acaba internalizando expectativas culturais sobre comportamento adequado e controle emocional, evidenciando hierarquias de gênero internalizadas.

Já Laura e Beatriz apresentam uma dinâmica diferente, mas igualmente marcada por influências culturais heteronormativas. O casal, monogâmico por escolha consensual, estruturou a relação desde o início a partir de diálogo contínuo: “Desde o começo, decidimos que a monogamia seria a base do compromisso que desejávamos estabelecer”, relata Laura. Embora ambas reconheçam e respeitem outras formas de organização afetiva, como relações abertas ou poliamorosas, a decisão de permanecer monogâmicas revela que, mesmo ao buscar alternativas à heteronormatividade, as escolhas são moldadas por padrões culturais e históricos que influenciam a percepção de comprometimento, intimidade e segurança emocional.

A organização financeira dos casais também reflete a interação entre normas sociais e relações afetivas. Fernando, concursado, possui salário fixo, enquanto Vitor, advogado tem renda variável e apresenta oscilações de ganhos mensais. Por conta disso, Fernando tende a assumir maior protagonismo na gestão das finanças, ilustrando como padrões de estabilidade e autoridade

econômica podem se sobrepor às decisões coletivas. No relacionamento de Laura e Beatriz, embora ambas contribuam de forma equitativa, há alternância na responsabilidade de assumir despesas, evidenciando negociação contínua baseada em disponibilidade financeira e equilíbrio relacional.

Muitos casais homoafetivos informados por padrões heteronormativos acabam por ter um dos parceiros assumindo o papel de provedor, enquanto o outro assume funções relacionadas ao cuidado, mesmo quando não há alinhamento entre esses papéis e suas identidades individuais. Isso acontece porque a sociedade exige essa noção de alinhamento: exige que a relação “faça sentido” dentro das estruturas já conhecidas. Além disso, a pressão social externa reforça essas dinâmicas. Perguntas recorrentes como “quem é o homem e quem é a mulher?” revelam o esforço da sociedade em enquadrar casais LGBTQIAP+ dentro da lógica binária mesmo tendo consciência de que são casais formados por dois homens ou duas mulheres. Essa insistência acaba operando como forma de controle simbólico assim, casais LGBTQIAP+ se veem frequentemente na obrigação de explicar seu funcionamento interno, justificando o que deveria ser vivido como natural. Em muitos casos, os estereótipos de gênero geram desigualdade nos relacionamentos, no qual aquele sujeito que performa a melhor a masculinidade tende a assumir posição de poder, enquanto o parceiro lido como “mais feminino” pode ser empurrado para funções de cuidado, esses padrões hegemônicos de masculinidade produzem hierarquias que se manifestam não apenas entre homens e mulheres, mas entre masculinidades e feminilidades dentro de múltiplas configurações sociais.

Outro aspecto relevante é a forma como os casais se conheceram e construíram suas relações afetivas, evidenciando o peso da socialização prévia. Fernando e Vitor se aproximaram por meio de amigos em comum e interações em redes sociais, enquanto Laura e Beatriz se conectaram por intermédio de uma amiga, após uma viagem de Laura. Esses encontros, embora mediadores de escolhas individuais refletem também redes sociais influenciadas por normas e expectativas culturais sobre relacionamento, afetividade e comportamento de gênero. Lorber (2010, p. 45) argumenta que gênero é “um sistema social que estrutura oportunidades, comportamentos e relações sociais”, corroborando que a

socialização inicial molda percepções sobre papéis de gênero e expectativas sobre relações afetivas.

Outro impacto relevante diz respeito à expressão emocional. Homens socializados na lógica da masculinidade hegemônica tendem a reprimir vulnerabilidade trazida pela criação de que homens não devem demonstrar sentimentos ou de que não pode ser sensível a sociedade, pois mostrar sua vulnerabilidade ao público diminuiria sua masculinidade trazendo para si uma visão feminina, o que pode dificultar comunicação afetiva e o processo de resolver conflitos em casais gays. Do mesmo modo, mulheres socializadas dentro de normas de cuidado podem carregar sobrecargas emocionais ou assumir responsabilidades afetivas desiguais em casais de lésbicas. Isso demonstra que os estereótipos de gênero não se restringem à aparência ou à divisão de tarefas, mas estruturam profundamente o modo como os casais se relacionam consigo mesmos e com o outro.

Apesar da presença de permanências e reprodução de padrões heteronormativos nas relações acima mencionadas, os relatos dos casais entrevistados também evidenciam estratégias de resistência. Essas estratégias não se apresentam como rupturas totais, mas como práticas cotidianas de negociação, ressignificação e deslocamento das normas hegemônicas, revelando que a heteronormatividade opera de forma instável e constantemente contestada. No caso de Fernando e Vitor, uma das principais estratégias de resistência refere-se à recusa de enquadramento do relacionamento em padrões rígidos no que refere à monogamia. Fernando afirma:

Se me perguntarem se meu relacionamento é aberto, eu digo que não. [...] não somos estritamente monogâmicos, mas também não digo que somos totalmente monogâmicos. (Informação verbal em novembro de 2025).

Ao se posicionar dessa forma, o casal rompe com a lógica monogâmica/binária (do sim ou do não) que estrutura os modelos conjugais tradicionais reproduzidos socialmente, deslocando a monogamia de um lugar de norma obrigatória para uma prática negociada. Conforme Butler (2003), a subversão da norma ocorre justamente quando os sujeitos recusam sua repetição automática, abrindo espaço para arranjos relacionais que escapam às classificações

hegemônicas. Essa resistência aos padrões hegemônicos de relacionamentos também se expressa na legitimação do desejo como parte da experiência afetiva. Fernando afirma: “Eu não sou hipócrita de dizer que não sinto vontade de ficar com outras pessoas. Desejar, sentir atração... é normal. Mas isso não diminui o meu relacionamento”. Tal discurso confronta diretamente a moral sexual heteronormativa que associa fidelidade à negação do desejo sexual fora do relacionamento, evidenciando, como aponta Foucault (2015), que a sexualidade é um campo regulado por normas sociais que podem ser questionadas e reorganizadas.

Ainda sobre a sexualidade, Fernando destaca que seu interesse em experiências sexuais envolvendo três pessoas está condicionado à vivência conjunta: “O que me interessa realmente é que nós dois fiquemos com a pessoa — não eu sozinho”. Vitor, por sua vez, diz: “Eu sou mais relutante. [...] Pode acontecer, mas não sou aquela pessoa que quer isso constantemente”. Essa dinâmica evidencia que, embora haja discordância em algumas situações que se refere a uma terceira pessoa, o casal constrói a sexualidade a partir do diálogo e do consentimento, resistindo à lógica da masculinidade hegemônica que associa o homem à iniciativa sexual irrestrita (CONNELL, 2016).

Laura e Beatriz, nas estratégias de resistência assumem contornos diferentes. A começar pela recusa explícita de comparar a relação lésbica em termos heterossexuais, como evidenciados na fala de Beatriz: “Perguntas sobre ‘quem é o homem da relação’ não fazem sentido”. Laura reforça essa ideia ao afirmar que embora essas perguntas apareçam “nunca me senti pressionada”. Essa recusa discursiva impede que a relação seja enquadrada na lógica binária homem/mulher, ativo/passivo, demonstrando resistência direta à inteligibilidade heteronormativa principalmente aos estereótipos da necessidade de um papel masculino mesmo em uma relação de mulheres.

No campo da organização cotidiana, Laura afirma que não há reprodução de papéis tradicionais: “Sempre conversamos para tomar decisões conjuntas, sem que uma imponha à outra. Não há divisão de tarefas baseada em papéis tradicionais de gênero”. Essa prática cotidiana rompe com a naturalização do cuidado e do trabalho doméstico como atribuições femininas, criticada por

Beauvoir (1996), e evidencia uma reorganização do espaço privado como estratégia de resistência.

A sexualidade do casal feminino também se constitui como espaço de contestação das posições hierarquizada nas relações. Laura afirma:

A relatividade “grita” ao se falar de papéis sexuais. Em complemento, declara: “Na nossa comunidade lésbica, ativo e passivo não se refere só a quem recebe ou dá, mas a quem domina”. Ambas precisam do prazer, senão não funciona (informação verbal em outubro de 2025).

Essas falas desestabilizam a lógica falocêntrica, esteriotipada e hierárquica da sexualidade, deslocando o foco da dominação dos sujeitos para a reciprocidade, conforme dito por Preciado (2014).

Em ambos os relatos, percebe-se que as estratégias de resistência à heteronormatividade se constroem por meio de micropráticas cotidianas, como o diálogo constante, a negociação de desejos, a recusa de estereótipos de gênero e a valorização do consentimento e da horizontalidade. Ainda que as permanências normativas não sejam totalmente superadas, essas práticas produzem deslocamentos significativos, revelando que a heteronormatividade não é um regime fixo, mas um campo de disputa permanente.

Embora esses estereótipos produzam impactos significativos, os casais desenvolvem estratégias de resistência, como a desconstrução consciente de papéis, a renegociação de funções, a organização interna de divisões de tarefas e a comunicação afetiva. Ao mesmo tempo, o estudo também evidencia estratégias de negociação, diálogo e reorganização dos papéis, indicando que os casais não são meros reprodutores passivos das normas sociais. Dessa forma, observa-se que a heteronormatividade exerce um impacto significativo nas relações afetivas LGBTQIAP+, mas não determinam de maneira absoluta as experiências desses casais, pois embora existam as divisões de papéis nesse contexto, os casais LGBTQIA+ não se fixam em uma identidade ou papel único dentro do relacionamento, permitindo que esses papéis sejam negociados conforme as preferências do casal. Dessa forma, em alguns momentos, é possível que se alinhem às normas heteronormativas, enquanto em outros, essas normas são desafiadas e reinventadas.

Ao observar a dinâmica de ambos os casais, nota-se que a heteronormatividade impacta múltiplos aspectos da vida em comum: desde a divisão de tarefas domésticas até a sexualidade, passando pela gestão financeira, estratégias de negociação e construção da intimidade. O relato de Fernando e Vitor evidencia como a masculinidade hegemônica internalizada influencia decisões e comportamentos sexuais, enquanto Laura e Beatriz mostram que escolhas consensuais, como a opção pela monogamia, também são moldadas por padrões culturais e históricos.

Isso indica que normas sociais não apenas estruturam comportamentos percebidos como masculinos ou femininos, mas também moldam estratégias de resolução de conflitos, mediação de ciúmes e construção de intimidade, mesmo em relações dissidentes. Além disso, percebe-se que a internalização de estereótipos de gênero é um processo contínuo que atravessa diferentes contextos de vida, desde a infância, com a socialização de papéis tradicionais, até a vida adulta, quando escolhas afetivas e práticas cotidianas são tomadas. Louro (2009) evidencia que expectativas sociais e culturais sobre gênero estão presentes mesmo em contextos que buscam romper com normas tradicionais, demonstrando que a heteronormatividade atua não apenas como imposição externa, mas também como um conjunto de valores internalizados que orienta comportamentos, decisões e relações afetivas.

4- Considerações Finais

Este estudo não tem a intenção de generalizar casos a partir das análises e discussões apresentadas, uma vez que a construção da identidade de cada pessoa é profundamente influenciada pelo contexto social em que os mesmos estão inseridos. Dessa forma, não é adequado generalizar a história dos casais entrevistados considerando que cada uma possui uma trajetória de vida única e uma vivência própria dessa identidade e relações. Entretanto cabe trazer uma análise crítica das falas dos entrevistados tendo o objetivo desse estudo que é compreender de que maneira a heteronormatividade e os estereótipos de gênero influenciam as dinâmicas afetivas de casais LGBTQIAP+ na cidade de Imperatriz–MA. A partir de uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas

semiestruturadas com dois casais — um casal gay e um casal de lésbicas — foi possível identificar que, mesmo em relações que rompem com o modelo heterossexual tradicional, as normas de gênero permanecem atuantes, moldando práticas cotidianas, expectativas afetivas desses casais e as formas de organização da vida conjugal.

Os resultados evidenciam que a heteronormatividade não opera apenas como um sistema externo de exclusão e preconceito desses casais, mas também como um conjunto de valores profundamente internalizados ao longo dos processos de socialização. Na pesquisa foi possível verificar a ocorrência da reprodução de papéis de gênero, na divisão de tarefas domésticas, na gestão financeira, na vivência da sexualidade e nas estratégias de negociação afetiva entre os parceiros.

As narrativas dos entrevistados demonstram que, em muitos casos, há uma pressão explícita ou simbólica para que as relações LGBTQIAP+ se tornem inteligíveis socialmente por meio da reprodução de modelos heteronormativos, como a complementaridade de papéis, a hierarquização entre os parceiros e a valorização de padrões como a monogamia e a estabilidade relacional. Onde essas dinâmicas revelam que a ruptura com a heteronormatividade não ocorre de forma total ou automática, mas se dá em um campo de tensões entre reprodução e resistência às normas de gênero.

Essa pesquisa realizada contribui para ampliar a compreensão sobre as especificidades regionais dessas vivências, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de maior produção acadêmica que dê visibilidade às múltiplas formas de amar, se relacionar e constituir família fora dos padrões normativos.

5 - Referências

- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, Judith. **Corpo em cena: performatividade de gênero**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CASELL, Joan. **Roteiros culturais e relações afetivas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CASELL, Joan. **Roteiros de gênero: cultura, comportamento e relações sociais**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CONNELL, R. W. **Masculinidades**. Tradução de Amana Rocha Mattos. São Paulo: nVersos, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell; MACHUNG, Anne. **A segunda jornada: pais trabalhadores e a revolução inacabada em casa**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: construções culturais e processos de subjetivação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. **Heteronormatividade e homofobia**. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, 2009. p. 85–94.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LORBER, Judith. **Paradoxos de gênero**. Rio de Janeiro: Zahar, 010.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Estudos Feministas**, v. 3, n. 1, p. 7–24, 1995.

SILVA, L.; PENHA, R.; BIZARRÍAS, A. **Métodos qualitativos em pesquisa social**. São Paulo: Cortez, 2022.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In: RICH, Adrienne. **Sangue, pão e poesia: prosa selecionada (1979–1985)**. Tradução de Miriam Adelman. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.

WITTIG, Monique. **O pensamento heterossexual e outros ensaios**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.